

CANTOS

MERIDIONAES

POR

LUÍZ NICOLÃO FAGUNDES VARELLA



RIO DE JANEIRO

PUBLICADO E À VENDA EM CASA DE

EDUARDO & HENRIQUE LAEMMERT

68, Rua do Ouvidor, 68

—
1869

ORAÇÃO



OH ! virgem das esphéras sempiternas !
Oh ! meu anjo da guarda ! Oh ! minha musa !
Minha esposa. immortal !
Bate as trevas que enlutão meu caminho,
Proteje na jornada deste mundo
Minh'alma tua igual !

Nos loiros dias da risonha infancia
Desdobraste sobre ella as vastas azas
Gottejantes de luz....
Dá-me hoje alento que meu ser fraqueia,
Enxuga-me os suores do supplicio ,
Conforta-me na cruz !

Eu vejo ao longe as sombras que se enrolão,
O raio que flammeja, ruge e passa

Das nuvens através;

Meu seio é todo angustias,— a tristeza
Como a bôa voraz me arrocha os membros
Em seus rijos anneis!

Sacode as plumas anjo do infinito!

Pisa os vermes do chão e os corvos negros

Que folgão junto a mim!

Não consintas que o espirito das trevas

Se assente nos debruns de teu vestido

E faça seu festim!

A tormenta do céu sacode as plantas,

Fustiga das montanhas o costado

Tremenda em seu furor!

Mas os ventos da intriga e da calúnia

Não deixão nos arbustos que açoitarão

Nem sombra de uma flor!

Elles passarão crebros e cruentos

Sobre minha cabeça inda aquecida

Da mocidade ao sol!

Na estação do prazer, eis-me sentado

Do mar da vida nas bravias costas,

Sem lume, sem pharol!

Eu quero andar ! Eu sei que no futuro
Inda ha rosas de amor , inda ha perfumes ,
 Ha sonhos de encantar !
Não , eu não sou daquelles que a descrença
Para sempre curvou, e sobre a cinza
 Debrução-se a chorar !

Lança um raio de luz em meu caminho ,
Proteje na jornada deste mundo
 Minh'alma tua igual ,
Oh ! virgem das espheras sempiternas !
Oh ! meu anjo da guarda ! Oh ! minha musa !
 Minha esposa immortal !

O ESCRAVO

AO SR.

THOMAZ DE AQUINO BORGES

DORME ! — Bemdito o archanjo tenebroso
 Cujo dedo immortal
 Gravou-te sobre a testa bronzeada
 O sigillo fatal !
Dorme ! — Se a terra devorou sedenta
 De teu rosto o suor
Mãi compassiva agora te agasalha
 Com zelo e com amor.

Ninguém te disse o adeus da despedida,
Ninguém por ti chorou!
Embora! A humanidade em teu sudario
Os olhos enxugou!
A verdade luzio por um momento
De teus irmãos á grei:
Se vivo foste escravo, és morto — livre
Pela suprema lei!

Tu suspiraste como o hebreu captivo
Saudoso do Jordão,
Pesado achaste o ferro da revolta,
Não o quizeste, não!
Lançaste-o sobre a terra inconsciente
De teu proprio poder!
Contra o direito, contra a natureza
Preferiste morrer!

Do augusto condemnado as leis são santas,
São leis porém de amor:
Por amor de ti mesmo e dos mais homens
Preciso era o valor,
Não o tiveste! Os ferros e os açoites
Mattárão-te a razão!
Dobrado captiveiro! A teus algozes
Dobrada punição!

Perque nos teus momentos de supplicio,
De agonia e de dôr
Não chamaste das terras Africanas
O vento assolador ?
Elle traria a força e a persistencia
A tu'alma sem fé,
Nos rugidos dos tigres de Benguella,
Dos leões de Guiné !...

Elle traria o fogo dos desertos,
O sol dos areaes,
A voz de teus irmãos viril e forte,
O brado de teus pais!
Elle te sopraria ás molles fibras
A raiva do suor
Quando agitando as crinas inflammadas
Fustiga a solidão!

Então ergueras resolute a fronte,
E grande em teu valor
Mostraras que em teu seio inda vibrava
A voz do Creador !
Mostraras que das sombras do martyrio
Tambem rebenta a luz !
Oh ! teus-grilhões serião tão sublimes,
Tão santos como a cruz !

Mas morreste sem luctas, sem protestos,
Sem um grito sequer!
Como a ovelha no altar, como a creança
No ventre da mulher!
Morreste sem mostrar que tinhas n'alma
Uma chispa do céu!
Como se um crime sobre ti pesasse!
Como se fôras réo!

Sem defeza, sem preces, sem lamentos,
Sem cyrios, sem caixão,
Passaste da senzala ao cemiterio!
Do lixo á podridão!
Tua essencia immortal onde é que estava?
Onde as leis do Senhor?
Digão-no o tronco, o latego, as algemas
E as ordens do feitor!

Digão-no as ambições desenfreadas,
A cobiça fatal,
Que a eternidade arvorão nos limites
De um circulo mortal!
Digão-no o luxo, as pompas e grandezas,
Lacaios e brazões,
Thesouros sobre o sangue amontoados,
Paços sobre volcões!

Digão-no as almas vis das prostitutas ,
O lodo e o setim ,
O demonio do jogo , — a febre accesa
Em ondas de rubim !...
E no entanto tinhas um destino ,
Uma vida , um porvir ,
Um quinhão de prazeres e venturas
Sobre a terra a fruir !

Eras o mesmo ser , a mesma essencia
Que teu barbaro algoz ;
Forão seus dias de rosada seda ,
Os teus — de atro retroz !...
Patria , familia , idéas , esperanças ,
Crenças , religião ,
Tudo matou-te , em flôr no intimo d'alma ,
O dedo da oppressão !

Tudo , tudo abateu sem dó nem pena !
Tudo , tudo , meu Deos !
E teu olhar á lama condemnado
Esqueceu-se dos céos !...
Dorme ! Bemdito o archanjo tenebroso —
Cuja cifra immortal ,
Sellando-te o sepulcro , abriu-te os olhos
A' luz universal !

A CIDADE

A MEU PREDILECTO AMIGO O SR. DR. BETOLDI



A CIDADE alli está com seus enganos ,
Seu cortejo de vícios e trahições ,
Seus vastos templos, seus bazares amplos,
Seus ricos passos, seus bordeis — salões.

A cidade alli está, — sobre seus tectos
Paira dos arsenaes o fumo espesso,
Rolão nas ruas da vaidade os coches
E ri-se o crime á sombra do progresso.

A cidade alli está, sob os alpendres
Dorme o mendigo ao sol do meio dia,
Chora a viuva em humido tugurio,
Canta na cathedral a hypocrisia.

A cidade alli está, — com ella o erro,
A perfidia, a mentira, a desventura...
Como é suave o aroma das florestas !
Como é doce das serras a frescura !

A cidade alli está, — cada passante
Que se envolve das turbas no bulicio
Tem a maldade sobre a fronte escripta,
Tem na lingua o veneno e n'alma o vicio.

Não, não é na cidade que se formam
Os fortes corações, as crêncas grandes,
Como **tambem** nos charcos das planicies
Não é que gera-se o condor dos Andes !

Não, não é na cidade que as virtudes,
As vocações eleitas resplandecem,
Flôres de ar livre, á sombra das muralhas
Pendem cêdo a cabeça e amarelecem.

Quanta scena infernal sob essas telhas !
Quanto infantil vagido de agonia !
Quanto adulterio ! Quanto escuro incesto !
Quanta infamia escondida á luz do dia !

Quanta atroz injustiça e quantos prantos !
Quanto drama fatal ! Quantos pezares !
Quanta frente celeste profanada !
Quanta virgen vendida aos lupanares !

Quanto talento desbotado e morto !
Quanto genio atirado a quem mais der !
Quanta affeição cortada ! Quanta duvida
N'um carinho de mãi ou de mulher !

Eis a cidade ! Alli a guerra, as trevas,
A lama, a podridão, a iniquidade ;
Aqui o céu azul, as selvas virgens,
O ar, a luz, a vida, a liberdade !

Alli, medonhos, sordidos alcouces,
Antros de perdição, covis escuros
Onde ao clarão de baços candieiros
Passão da noite os lemures impuros ;

E abalroão-se as mumias coroadas,
Corpos de lepra e de infecção cobertos ;
Em cujos membros mordem-se raivosos
Os vermes pelas sedas encobertos !

Aqui verdes campinas, altos montes,
Regatos de crystal, mattas viçosas,
Borboletas azues, loiras abelhas,
Hymnos de amor, canções melodiosas.

Alli a honra e o merito esquecidos,
Mortas as crenças, mortos os affectos ;
Os lares sem legenda, a musa exposta
Aos dentes vis de perros abjectos !

Presas a virtude ao cofre dos banqueiros,
A lei de Deos entregue aos histriões !
Em cada rosto o sello do egoismo !
Em cada peito um mundo de trahições !


Depois o jogo, — a embriaguez, o roubo, —
A febre nos ladrilhos do prostibulo,
O hospital, a prisão.... por desenredo
A imagem pavorosa do patibulo !

Eis a cidade !...— Aqui a paz constante,
Serena a consciencia, alegre a vida,
Formoso o dia, a noite sem remorsos,
Prodiga a terra, nossa mãe querida !

Salve, florestas virgens ! Rudes serras !
Templos da immorredoura liberdade !
Salve ! Tres vezes salve ! Em teus asylos
Sinto-me grande, vejo a divindade !



O CAVALLO

ORRE, vôa, transpõe os outeiros,
Corta os charcos de sombra cobertos,
Quebra as pedras, escarva as planicies,
Vinga os serros, — devora os desertos!

Vamos, meu cavallo branco,
Minha neblina veloz,
Deixemos campos e prados,
Sarças, brejos e vallados,
Ermos, villas, povoados,
E — os homens, atrás de nós!

Vamos, vamos, busquemos as terras
Onde habitão meus doudos amores,
Onde espera por mim, anciosa,
A mais languida flôr, entre as flôres.

Onde tudo é liberdade,
Vida, calôr, gozo e luz ;
Onde as placidas campinas
Regorgitão de boninas
Ás caricias peregrinas
De um sól que sempre reluz !

Bebe a plenos pulmões as bafagens
Desta noite sombria, mas pura ;
Deixa as feras rugirem no matto,
Deixa o insecto chilrar na espessura !

Deixa que gema nas rochas
O mocho embusteiro e vil,
Que as cobras no chão rastegem,
Que os fogos fatuos doudejem,
Que as feiticeiras praguejem,
Que pulem demonios mil !

Não és tu destemido e valente?
Não palpitas de seiva e de vida?
Tantas vezes por brenhas e gandras
Não venceste o tufão na corrida?

Bem poucos homens, bem poucos
Te igualão, nobre animal!
Raros na vivacidade...
Talvez alguns na amizade,
Mas nenhum na lealdade!
Na intrepidez natural!

Como rasgas as trevas garboso!
Ah! como ellas te lambem as ancas!
Como aos ventos sacódes ousado
Essas crinas espessas e brancas!

A teus pés saltão scentelhas,
Rebentão rubros fuzis,
E os festões das amoreiras,
E as selvagens trepadeiras
Curvão-se humildes, rasteiras,
Beijão-te os cascos, servis.

Mil figuras estranhas te espreitão,
Convulsivas, na margem da estrada,
Depois fogem silvando, e se escondem
No remanso da matta cerrada.

Mil muralhas, mil columns,
Mil orgulhosos frontaes,
Mil capiteis trabalhosos,
Fustes, pilares pomposos
Se levantão portentosos
A cada salto que dás!

Novos mundos parece que vejo,
Novo solo parece que pisas,
Novos cantos escuto no espaço,
Novas queixas nas azas das brisas!

Corre, meu bom companheiro,
Vôa, meu bravo corcel,
Somos livres como os ares,
As serras com seus palmares,
O sertão com seus jaguares,
Os astros com seu docel!

Corre, vòã, transpõe os outeiros,
Corta os charcos de sombra cobertos,
Quebra as pedras, escarva as planicies,
Vinga os serros, — domina os desertos !

AO RIO DE JANEIRO



ADEUS! Adeus! Nas cerrações perdida
Vejo-te apenas, Guanabara altiva,
Molle, indolente, á beira-mar sentada
Sorrindo ás ondas em nudez lasciva.

Mimo das aguas, flôr do Novo Mundo,
Terra dos sonhos meus,
Recebe asinha no passar dos ventos
Meu derradeiro adeus!

A noite desce, os boqueirões de espuma
Rugem pejados de ferventes lumes,
E os loiros filhos do marinho imperio
Brotão do abysmo em festivaes cardumes.

Sinistra voz envia-me aos ouvidos
Um cantico fatal!
Permitta o fado que a teu seio eu volte
Oh! meu torrão natal!

Já no horizonte as plagas se confundem,
O céu e a terra abração-se discretos,
Leves os vultos das palmeiras tremem
Como as antenas de subtis insectos.

Agora o espaço, as sombras, a saúde,
O pranto e a reflexão....
A alma entregue a si, Deos nas alturas....
Nós labios a oração!


Tristés idéas, pensamentos fundos,
Nublão-me a fronte descahida e fria,
Como esses fiócos de neblina erranté
Que os serros vendão quando morre o dia.

Amanhã que verei? — Talvez o porto,
Talvez o sol... não sei!
Brinco do fado, a dôr é minha essencia,
O acaso minha lei!...

Que importa! A patria do poeta o segue
Por toda a parte onde o conduz a sorte,
No mar, nos ermos, do ideal nos braços,
Respeita o sello imperial da morte!

Oceano profundo! Augusto emblema
Da vida universal!
Leva um adeus ainda ás alvas praias
De meu torrão natal.

A MORTE

 Tu não me curvarás sem resistencia
Divindade cruel!
Tu não me abaterás impunemente
A cabeça revel!

Pódes chegar, não temo-te: — aos escravos
Voto extremo desdem!
Eis a materia... — queres que te adore?
Vê se passas além!

Misera ! A essencia eterna, immaculada
Insulta-te o poder !
Realeza de cinza e de poeira !
Triste escarneo do ser !

Do cadaver á face apenas gravas
Teu gélido signal,
E já de novo o anima em fórmãs novas
A vida universal !

Tu nada pódes ! Teu dominio louco,
Teu reinado fallaz,
Em vez do nada ao peregrino apontão
As glorias immortaes !

E devo então temer-te ? Vem, que importa
Teu pavoroso rir,
Se além da cova impura ardentes brilhão
Os astros do porvir ?

Porém não, mentem os homens
Quando te pintão tão má !
Sentada entre brancos ossos,
Contando os escuros fossos
Do valle de Josaphat !

Quando te colmão de horrores,
E em doida exageração,
Dizem-te negra, sombria,
Nua, deslavada e fria
Coberta de podridão !

Mentem, sim ? — As dõres fundas,
Os estertores fataes,
As horas lentas, tardias,
As cruentas agonias,
Não és tu, anjo, que dás !

São as luctas da matéria,
São da carne as convulsões,
São insensatos esforços,
São as settas dos remorsos,
São a furia das paixões !

Mas não tu ! — Oh ! quantas vezes
Em subito despertar,
Tenho-te visto fagueira
De meu leito á cabeceira,
Fitar-me um divino olhar !

Quantas vezes alta noite
Nos delirios do festim,
Fallas-me baixo aos ouvidos,
Me envolves em teus vestidos
Todos de gaze e setim !

Quantas vezes sobre os labios
De uma adorada mulher,
Meus labios incendiados
Em teus labios descorados
Repousão sem eu saber !....

Vem sem cortejo, vem sozinha, oh noiva
De meus ultimos dias !
Tu serás recebida como o archanjo
Em casa de Tobias !

Traze em teu seio o talisman da crença,
A paz sob teu véo....
Nós subiremos de vagar a escada
Que vai bater ao céu !


Mas quebra-me certa o immundo vaso
Que occulta o eterno ser ;
Quebra-o de um golpe, toma-me nos braços
Não me deixes soffrer !

Na flôr dos annos conheci da vida
Toda a triste illusão,
Embora os homens meu porvir manchassem
Não os dettesto, não !

Embora o sopro ardente da calumnia
Crestasse os sonhos meus,
Nunca descri do bem e da justiça,
Nunca descri de Deus !

Bemdicta sejas, virgem do infinito,
Anjo consolador,
Que a triste foragida creatura
Restitues ao Senhor !

NEVOAS

A hora em que as nevoas se estendem nos ares,
Que choram nos mares as ondas azues,
E a lua cercada de pallida chamma
Nas selvas derrama seu pranto de luz;

Eu vi.... maravilha ! Prodigio ineffavel !
Um vulto adoravel , primor dos primores !
Sorrindo as estrellas , no céo resvalando,
Nas vagas boiando de tenues vapores !

Nos membros divinos, mais alvos que a neve,
Que os astros, de leve, clareiam, formosos,
Nas transas doiradas, nos labios risonhos
Os genios e os sonhos brincavam medrosos !

Princeza das nevoas ! Milagre das sombras !
Das roseas alfombras, dos paços sidéreos,
Acaso rolaste, dos anjos nos braços,
Dos vastos espaços aos mantos ethereos ?

Os prantos do inverno congelam-te a frente,
Os combros do monte se cobrem de brumas,
E quêda repousas n'um mar de neblina
Qual perola fina n'um leito de espumas !

Nas nuas espaduas, dos astros algentes,
O sopro não sentes raivoso passar ?
Não vês que se esvaem miragens tão bellas ?
A luz das estrellas não vês se apagar ?

Ai ! vem que nas nuvens te mata o desejo
De um fervido beijo gozares em vão !
Os astros sem alma se cançam de olhar-te,
Nem podem amar-te, celeste visão !

E as auras passavam, e as nevoas tremiam,
E os genios corriam no espaço a cantar,
Mas ella dormia, gentil, peregrina,
Qual pallida ondina nas agoas do mar!

Estatua sublime, mas triste, sem vida,
Sem voz envolvida no hiberneo sudario,
Verás, se me ouvires, trocado por flôres,
Por palmas de amores teu véo mortuario!

Ah! vem, vem minh'alma! Teus loiros cabellos!
Teus braços tão bellos, teus seios tão lindos,
Eu quero aquece-los no peito incendiado....
Contar-te ao ouvido meus sonhos infindos!

Assim eu fallava, nos amplos desertos
Seguindo os incertos lampejos da luz,
Na hora em que as nevoas se estendem nos ares,
E choram nos mares as ondas azues.

As brisas d'aurora ligeiras corriam,
As flôres sorriam nas verdes campinas,
Ergueram-se as aves do vento á hafagem,
E a pallida imagem desfez-se em — neblinas!

Á BAHIA



SOBRE COXINS de verdura
Aos fogos do meio-dia
Dorme a esplendida Bahia
Reclinada á beira-mar ;
E como servas humildes
Sustendo-lhe o regio arminho
As vagas fallam baixinho
Medrosas de a despertar.

Os ventos que a furto beijam
De seus vergeis as mangueiras
Vão perfumar cem bandeiras
Que ondeiam no céu azul ;
E relatam maravilhas
Dessa perola do Norte ,
Mais do que Carthago , forte ,
Mais linda do que Stambul.

Estrangeiro que habitastes
Mil cidades de outros mares ,
Ao mirar estes palmares ,
O que sentistes , dizei ?
O que sentistes pisando
Sobre o tapiz destas praias
Pomposas , como as alfaias
Do leito de um grande rei ?

Ao contemplar estes montes
Ardentes de mocidade
Por onde a dupla cidade
Se estende a seu bel-prazer ;
E estas praças arrelvadas
E estas arvores erguidas ,
E estas rampas atrevidas
Que vão nas nuvens morrer ,

Sentiste saudade acaso
Dos paizes que deixastes?
Dos povos que visitastes
Tivestes lembranças cá?
Oh! não, que a vossos olhares
Não mostrarão tal belleza
Roma, Napoles, Veneza,
Cantão, Pekim, Calcutá!

Mas ah! Vêde, nesta patria
De heróes, de genios, de bravos,
Vestigios de pés escravos
Conspurcam tão nobre chão!
E pelas noites tranquillias,
Aos echos das serenatas,
Casam-se as vozes ingratas
Da mais cruenta oppressão!

Estas praças e mercados,
Estes vastos edificios
Não são por certo os indicios
De um povo calmo e feliz!
Não, que sobre essas riquezas
Fundadas sobre um delicto
Geme o direito proscripto,
Chora uma raça infeliz!

E ella dorme descuidosa
Sem medo a filha do Norte
Entregue a misera sorte
Das outras bellas irmans ;
Dorme como as odaliscas
Nos palacios do Oriente
Sob a guarda inconsciente
De comprados yatagans.

Bahia , terra das artes !
Terra do amor e da gloria !.
Quão grande fôras na Historia
Quão grande com teus brazões ,
Se á frente não te luzissem
Aos diamantes misturados
Os prantos crystallizados
Dê captivas multidões !

A ENCHENTE



RA alta noite, entumescido e negro
Roendo as margens espumava o rio,
Densos vapores pelo céu rolavam,
Batia o vento o taquaral sombrio.

Leve piroga se agitava em balde
Preso nos élos da infernal corrente,
Cantava um anjo, o remador luctava,
Linda virgem dizia tristemente :
Como ao rijo soprar das ventanias
Os mortos boiam sobre as agoas frias !

Oh ! são bem moços ! Do noivado apenas
Talvez sahissem nesta noite escura !
Talvez ebrios de amor galgando o leito,
Vissem á cabeceira a morte impura !

A vida é uma cadeia de mentiras !....
Sempre o demonio ao pé do seraphim !
A sombra da desgraça e do exterminio
Sempre toldando os lustres do festim !
Como ao rijo soprar das ventanias
Os mortos boiam sobre as agoas frias !

Rema, rema barqueiro, olha, lá em baixo
A' luz vermelha do fuzil que passa,
Não vês o vulto de um rochedo horrendo
Que a correnteza estrepitando abraça ?

Oh ! se o vejo, senhora ! Eu bem o vejo !
Diz o barqueiro com sinistra voz,
Orai á santa que os perigos véla
Para que tenha compaixão de nós !...
Como ao rijo soprar das ventanias
Os mortos boiam sobre as agoas frias !

Já d'entre as vagas de negrumes tredos
Vem pouco e pouco se mostrando a lua ;
Como á luz della a natureza é triste !
Como a planicie é devastada e nua !

Perto, tão perto elevam-se os outeiros
Onde fagueira a salvação sorri....
E nós rolamos, e rolamos sempre,
E não podemos aportar alli !...
Como ao rijo soprar das ventanias
Os mortos boiam sobre as agoas frias !

Duro, insoffrido o vendaval sacode
Do rio a face em convulsão febril !
Barqueiro, alento ! Se me pões em terra
Hei de colmar-te de riquezas mil !

Mas ai ! No dorso do dragão das agoas
Luctava o lenho, mas luctava em vão !
E a pobre moça, desvairada, em prantos,
Pedia á Virgem que lhe dêsse a mão !
Como ao rijo soprar das ventanias
Os mortos boiam sobre as agoas frias !

Ouve barqueiro, que ruído é esse
Surdo, profundo, que nos ares sôa?
Parece o estrondo de trovão medonho
Que dos abysmos pelo seio echôa!

Deus poderoso! Abandonando remos
Brada o infeliz a delirar de medo,
Ai! é a morte, que nos chama, horrivel,
No flanco immenso de fatal rochedo!...
Como ao rijo soprar das ventanias
Os mortos boiam sobre as agoas frias!

Ia a piroga ao sorvedouro escuro,
Era impossivel se esquivar então!
Dentro sentado o remador chorava,
A donzella dizia uma oração!

Já diante delles, entre véos de espuma
Treda a voragem com furor rugia,
E uma columna de ligeiro fumo
Do seio horrendo para o céu subia!
Como ao rijo soprar das ventanias
Os mortos boiam sobre as agoas frias!

Subito o barco volteou rangendo
Tremeu nas ondas, recuou, parou,
Deu a virgem um grito outro o remeiro
E o lenho na voragem afundou !

Tudo findou-se ! Os vendavaes sibillam
Correndo infrenes na planicie nua,
O rio espuma, e nas barrentas vagas
Rolam dous corpos ao clarão da lua.
Como ao rijo soprar das ventanias
Os mortos boiam sobre as agoas frias !

A FLOR DO MARACUJÁ



elas rosas, pelos lyrios,
Pelas abelhas, sinhá,
Pelas notas mais chorasas
Do canto do sabiá,
Pelo calice de angustias
Da flor do maracujá !

Pelo jasmim, pelo goivo,
Pelo agreste manaká,
Pelas gottas de sereno
Nas folhas do gravatá,
Pela corôa de espinhos
Da flor do maracujá !

Pelas tranças da mãe d'agoa
Que junto da fonte está,
Pelos colibris que brincam
Nas alvas plumas do ubá,
Pelos cravos desenhados
Na flor do maracujá.

Pelas azues borboletas
Que descem do Panamá,
Pelos thesouros occultos
Nas miñas do Sincorá,
Pelos chagas rouxeadas
Da flor do maracujá !

Pelo mar, pelo deserto.
Pelas montanhas, sinhá !
Pelas florestas immensas
Que fallam de Jeovah !
Pela lança ensanguentada
Da flor do maracujá !

Por tudo o que o céu revela !
Por tudo o que a terra dá
Eu te juro que minh'alma
De tua alma escrava está ! !...
Guarda contigo este emblema
Da flor do maracujá !

Não se enjoem teus ouvidos
De tantas rimas em — a —
Mas ouve meus juramentos,
Meus cantos ouve, sinhá!
Te peço pelos mysterios
Da flor do maracujá!

O ESPECTRO DE SANTA HELENA



obre uma rocha isolada
Pelas vagas flagellada
Pena uma sombra exilada
Que a sorte trucidada em vão!
E aquella sombra gigante,
Captiva, mas arrogante,
Mede o espaço triumphante,
Brada : — inda sou Napoleão !

A noite é negra, agoueiros,
No dorso dos nevoeiros
Os genios trahiçoeiros
Galopam pela amplidão !
Batem-se os ventos rugindo,
Repta o mar o céu infindo,
Ella os escuta sorrindo
E clama : — eu sou Napoleão !

Oh ! sim ! Nos templos da gloria,
Nos altares da memoria,
Os fastos de minha historia
Para sempre fulgirão !
Passem embóra as idades,
Abatam povos, cidades,
Os homens e as tempestades,
Sempre hei de ser Napoleão !

O fado, nume inscontante,
Bem poderá um instante
Deixar que escarre insultante
Sobre meu corpo o bretão.....
Casta de torpes rafeiros,
Hoje inflados, altaneiros,
Já se curvaram rasteiros
A's plantas de Napoleão !

Nos vastos marneis do Egypto,
Sobre folhas de granito,
Deixei meu poema escripto,
Grande como a .creação !
De Memphis sobre as muralhas,
Dos Pharahós das mortalhas
Gravei ao sol das batalhas
As lendas de Napoleão !

Quando eu cortava os desertos
Vinham-me os ventos incertos
De nardo e mhyrra cobertos
Trazer-me d'Asia a oblação !
As caravanas paravam,
E os romeiros que passavam
A's esphinges perguntavam :
É este o deus Napoleão ?

A' noite entre hymnos e flores,
Entre suaves odores
As sombras dos reis pastores
Surgiam a ver-me então !
A voz dos padres antigos,
As munnias de seus abrigos,
Os herões de seus jazigos
Venham saudar Napoleão !

E lá, dessas chans extensas,
Dessas planicies immensas
Onde banharam-se as crenças
Dos povos sobre o Jordão ;
O lago dizia ao prado,
O prado ao monte elevado,
O monte ao céu estrellado :
Vêde, lá vai Napoleão !

Dizei auras do occidente,
Dizei tufão inda quente
Do baffejo incandescente
Do não vencido esquadrão ;
Dizei-nos, no olhar divino
Desse aborto do destino
Brilha um clarão peregrino?
Brilha o sol de Napoleão?

E as aguias no céu voavam,
As torrentes sussurravam,
Os areiaes se agitavam
Convulsos na solidão...
Oh! as vozes do deserto
Uniam-se n'um concerto
E vinham saudar-me perto :
Tu és, senhor, Napoleão!

Se o sou! Que Marengo o conte!
De Austerlitz o horizonte!
E aquella soberba ponte
Que transpuz como um tufão!
Responda o Nilo e o Senna,
Wagram, Malta, Cairo, Iena,
Mantua, Cadiz e Vienna,
Se ainda sou Napoleão!

Se o sou ! Que digão as plagas
Onde do sangue nas vagas
Crivada de enormes chagas
Dorme vil população !
Digam da Europa as bandeiras !
Digam serras altanzeiras
Que se abatiam rasteiras
Ao corcel de Napoleão.

Se o sou ! Diga Santa Helena,
Onde a mais sublime scena,
Fechou triste, mas serena
Minha historia de Titão !
Diga-o `minh'alma tranquilla !
Diga-o a paz que se asila,
De meus olhos na pupilla,
Se inda não sou Napoleão !

Porém os ventos se callam
As ondas não mais se abalam
Raivosas, porém resvalam
Lambendo as rochas então.....
O genio da noite chóra,
Rosea luz as nuvens córa
Cantam os anjos d'aurora :
Sempre serás Napoleão !

A SOMNAMBULA



Virgem de loiros cabellos

— Bellos, —

Como cadeias de amores,

Onde vás tão triste agora

— Hora —

De tão sinistros horrores?

Sob nuvem lutulenta,

— Lenta, —

Se esconde a pallida lua ;

Na sombra os genios combatem ;

— Batem —

Os ventos a rocha nua.

Noite medonha e funesta

— Esta —

Fundos mysterios encerra!

Não corras, olha, repara,

— Pára, —

Escuta as vozes da serra !...

Dos furações nas lufadas,

— Fadas —

Trahidoras passam nos ares!

Cruentos monstros te espiam!

— Piam —

As corujas nos palmares!

Bella doida se soubesses

— Esses —

Esses gritos o que dizem,

Ah! por certo que me ouviras,

— Viras —

Que tredas coisas predizem!

Mas, infeliz, continuas!

— Nuas —

As tuas espaduas são!

E sobre teus pés mofinos,

— Finos, —

Prendem-se às urzes do chão!

O orvalho teu rosto molha ;
— Olha —
Como branca e fria estás !
Virgem de loiros cabellos,
— Bellos, —
Por Deus ! conta-me onde vás !

Nestes hervações sem termos,
— Ermos, —
Ninguém pôde te acodir....
Toma sentido, socega,
— Céga ! —
Vê são horas de dormir !

Teus olhos gyram incertos ;
— Certos —
Comtudo teus passos vão !
Teu ser que a illusão persegue
— Segue —
O impulso de occulta mão !

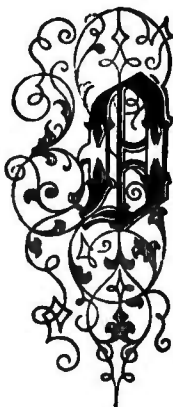
Ai ! dormes ! Talvez risonho
— Sonho —
Te chame a bailes brilhantes !
Talvez vozes que te encantam
— Cantam —
A teus ouvidos amantes !

Talvez teus ligeiros passos,
— Paços —
Pisem d'oiro construidos !
Talvez quanto ha de perfume
— Fume —
Para agradar teus sentidos !

Mas ah ! Na cabana agora,
— Ora —
Tua pobre mãe por ti ;
E teu pai alem divaga,
— Vaga —
Sem saber que andas aqui !

Virgem de loiros cabellos
— Bellos —
Como cadeias de amores,
Onde vás sosinha agora
— Hora —
De tão sinistros horrores ?

A ROÇA



balanço da rede, o bom fogo
Sob um tecto de humilde sapé;
A palestra, os londus, a viola,
O cigarro, a modinha, o caffè;

Um robusto alasão, mais ligeiro
Do que o vento que vem do sertão,
Negras crinas, olhar de tormenta,
Pés que apenas rastejam no chão;

E depois um sorrir de roceira,
Meigos gestos, requebros de amor ;
Seios nus, braços nus, transas soltas,
Molles fallas, edade de flor;

Beijos dados sem medo ao ar livre,
Risos francos, alegres serões,
Mil brinquedos no campo ao sol posto,
Ao surgir da manhã mil canções :

Eis a vida nas vastas planicies
Ou nos montes da terra da Cruz,
Sobre um solo só flores e glorias,
Sob um céu só magia è só luz.

Bellos ermos, risonhos desertos,
Livres serras, extensos marneis,
Onde muge o novilho anafado,
Onde nitrem fogosos corceis ;

Onde a infancia passei descuidoso,
Onde tantos idyllos sonhei,
Onde ao som dos pandeiros ruidosos
Tantas dansas da roça dansei !

Onde a viva e gentil mocidade
N'um continuo folgar consumi,
Como longe avultais no passado !
Como longe vos vejo d'aqui !

Se eu tivesse por livro as florestas,
Se eu tivesse por mestre a amplidão,
Por amigos as plantas e as aves,
Uma flecha e um cocar por braço ;

Não manchara minh'alma inspirada,
Não gastara meu proprio vigor,
Não cobrira de lama e de escarneos
Meus laureis de poeta e cantor !

Voto horror ás grandezas do mundo,
Mar coberto de horriveis parceis,
Vejo as pompas e galas da vida
De um sendal de poeira atravez.

Ah ! nem creio na humana sciencia,
Triste acervo de enganos fataes,
O clarão do saber verdadeiro
Não fulgura aos olhares mortaes !

Mas um genio impiedoso me arrasta,
Me arremessa do vulgo ao vai-vem,
E eu soluço nas sombras olhando
Minhas serras queridas alem !

A CRIANÇA



menos bella aurora,
A neve é menos pura
Que uma creança loira
No berço adormecida!
Seus labios innocentes
Meu Deus, inda respiram
Os languidos aromas
Das flores de outra vida!

O anjo de azas brancas
Que lhe protege o somno,
Nem uma nodoa enxerga
Naquella alma divina!
Nunca sacode as plumas
Para voltar ás nuvens,
Nem triste afasta ao vel-a
A face peregrina!

No seio da creança
Não ha serpes occultas,
Nem perfido veneno,
Nem devorantes lumes,
Tudo é candura e festas !
Sua sublime essencia
Parece um vaso de oiro
Repleto de perfumes !

Mas ella cresce, os vicios
Os passos lhe acompanham,
Seu anjo de azas brancas
Pranteia ou torna ao céu.
O calice brilhante
Transborda de absintio,
E a vida corre envolta
N'um tenebroso véo !

Depois ella envelhece,
Fogem os roseos sonhos,
O astro da esperanza
Do espaço azul se escôa,
Pende-lhe ao seio a fronte
Coberta de geadas
E a mão rugosa e tremula
Levanta-se e abençôa !

Homens ! O infante e o velho
São dois sagrados seres,
Um deixa o céu apenas,
O outro ao céu se volta,
Um cerra as azas debeis
E adora a divindade,
O outro a Deus adora
E as azas niveas solta !

Do cherubim que dorme
Na face alva e rosada
O traço existe ainda
Dos beijos dos anjinhos,
Assim como na fronte
Do velho brilha e fulge
A luz que do infinito
Aponta-lhe os caminhos !

Nestas infaustas eras
Quando a familia humana
Quebra sem dó, sem crenças
O altar e o ataude,
Nos olhos da creança
Creiamos na innocencia
E nos cabellos brancos
Saudemos a virtude !

EXPLICAÇÃO

Quando cansado da vigilia insana
Declino a fronte n'um dormir profundo,
Porque teu nome vem ferir-me o ouvido,
Lembrar-me o tempo que passei no mundo ?

Porque teu vulto se levanta airoso,
Ebrio de almejos de volupia infinda ?
E as fôrmas nuas, e offegante o peito
No meu retiro vens tentar-me ainda ?

Porque me fallas de venturas longas ?
Porque me apontas um porvir de amores ?
E o lume pedes á fogueira extincta ?
Doces perfumes a pollutas flores ?

Não basta ainda essa ignobil farça,
Paginas negras que a teus pés compuz ?
Nem estas fundas, perennaes angustias,
Dias sem crença e serões sem luz ?

Não basta o quadro de meus verdes annos,
Manchado, roto, abandonado ao pó ?
Nem este exilio, do rumor no centro,
Onde pranteio desprezado e só ?

Ah ! Não me lembres do passado as scenas !
Nem essa jura desprendida a esmo !
Guardaste a tua ? A quantos outros, dize,
A quantos outros não fizeste o mesmo ?

A quantos outros, inda os labios quentes
De ardentes beijos que eu te dera então,
Não apertaste no vasio peito
Entre promessas de eternal paixão ?

Oh ! fui um doudo que segui teus passos !
Que dei-te, em versos, da belleza a palma !
Mas tudo foi-se, e esse passado negro
Porque sem pena me despertas n'alma ?

Deixa-me agora repousar tranquillo !
Deixa-me agora descansar em paz !...
Ai ! com teus risos de infernal encanto
Em meu retiro não me tentes mais !

A ESTRELLA DOS MAGOS

HYMNO PARA A NOITE DO NATAL

A noite se adianta, as horas passam
Mudas, solemnes sobre o globo immerso
Nos mysterios do somno ; — a tumba e o berço
Parece que se abraçam
E neste instante iguaes
Somem no olvido as ambições mortaes.

Salve, estação propicia aos pensadores !
Salve !... Prodigio ! Que luzeiro é esse
Que entre as sombras da noite resplandece
Offuscando os fulgores,
Apagando o clarão
Dos cyrios immortaes da vastidão !

D'onde vens, gloria do espaço ?
Bella estrella radiante
Que campêas triumphante
Sobre as chans do Sennaar ?

Como és linda ! Ao vêr-te os astros
Por sobre as nuvens revoltas
Rolam como pedras soltas
De teu desfeito collar !

Que maravilha opera-se no espaço ?
Que respirar de fogo agita os mundos !
Que vento abrazador dos céos profundos
Baixa sobre o regaço
Da terra que fluctua
Entre o dia e a noite incerta e nua ?

Brisas prenes de aromas deleitosos,
Quentes brisas da Arabia ! Onde aprendestes
Estes cantos subtis, mais que terrestres,
Essas vozes chorosas,
Essas queixas de amor,
Que aos pés soltais da amendoeira em flor ?

Brilha, sol da meia noite !
Sol talvez de um bello dia
Que a sombra turbida e fria
De nosso globo encontrou !

Sol das plagas mais felizes !
Sol que outros seres anima !
Que sobre este pobre clima
De Deus a mão arrojou !

Borboletas do ermo ! Aves dos montes !
Creaturas da noite ! Que alegria
Estranha vos anima ? O novo dia
Que abeira os horizontes,
Acaso nos trará
Inaudito favor de Jehovah ?

Oh ! certamente ! Os astros não se abalam,
Tão commovida a terra não palpita,
A natureza toda não se agita,
As solidões não fallam,
Não exultam os céos
Se os não roçasse o halito de Deus !

Ah ! sim, tu vens do oriente,
Passaste sobre as cimeiras
Das montanhas altaneiras
Onde a luz seu throno tem !

Trazes, quem sabe, que em teus raios
A palavra da verdade !...
Prodigio da immensidade,
Dize, o que succede além ?

Mundo recém-nascido ! Astro brilhante
Cujo clarão vivaz me entorna n'alma
Doces lampejos de ineffavel calma !
Estrella radiante !
Gloria da criação !
Aceita minha humilde adoração !

As aldêas alegam-se, os pastores
Sahem de seus casaes cantando hossanas,
Das tendas do deserto e das cabanas
Hymnos, risos e flores
Se levantam á flux !
Tudo se volta ao céu e brada — luz !

Gloria ao Senhor nas alturas !
Paz aos homens neste mundo !
Genios do abysmo sem fundo,
Torcei-vos, — nasceu Jesus !

E vós, filhos do peccado,
Quebrai, quebrai vossos ferros,
E livres de escuros erros,
Erguei-vos, saudai a luz !

PLECTRO



sumo do estramonio e da cicuta ,
As flôres infieis da dedaleira,
O dente vil da vibora trahidora ,
A sombra da fatal mancenilheira;

O cancro, a lepra, o tetano, a gangrena
Trazem da morte os rabidos martyrios,
Ora nas azas de afflictivo somno ,
Ora nas chammass de crueis delirios :

Mas o veneno que da lingua instillas
Ente maldito consagrado á intriga ,
Do corpo á alma a perdição transporta
Nas doces frases de uma voz amiga !

Nasceste como a serpe da floresta ,
Como a serpe tu vives , mas como ella
Não deu-te a providencia o leve guiso
Que o mal occulto ao viájour revéla !

Vendes , beijando , como o hebreu covarde !
Mordes , brincando , como o cão falsario !
E na sêde de aleives que te queima
Não poupas nem dos mortos o sudario !

Na ruina alheia ergueste teu futuro ,
Fizeste teu festim , riste e folgaste.....
Terás por punição sorver de um trago
Toda a peçonha e fel que derramaste !

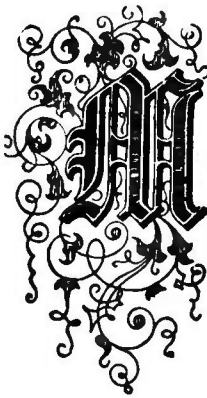
Já de teu leito ha desertado o somno !
Já o remorso se és mortal te abraza !
E na bocca mendaz, covil de enganos
Arde-te a lingua como um ferro em braza !

Não ha virtude que teu pé não pise !
Não ha flôr que teu halito não mate !
Não ha charcos impuros neste mundo
Que teu perfido busto não retracte !

Mixto de lama de poeira e luzes !
Creatura infernal com azas de anjo !
Cimento de odio e raiva humedecido
Nas lagrimas crueis do negro archanjo !

Tu preparas tu mesmo o teu supplicio !
Cavas tu mesmo o leito derradeiro !
Tu mesmo lavras a sentença propria
E serves , sem saber , de pregoeiro !

NOCTURNO



Minh'alma é como um deserto
Por onde o romeiro incerto
Procura uma sombra em vão ;
É como a ilha maldita
Que sobre as vagas palpita
Queimada por um volcão !

Minh'alma é como a serpente
Que se torce ebria e demente
De vivas chammas no meio ;
É como a douda que dança
Sem mesmo guardar lembrança
Do cancro que rõe-lhe o seio !

Minh'alma é como o rochedo
Donde o abutre e o corvo tredo
Motejam dos vendavães;
Coberto de atros matizes;
Lavrado das cicatrizes
Do raio, nos temporaes !

Nem uma luz de esperança,
Nem um sopro de bonança
Na fronte sinto passar !
Os invernos me despiram,
E as illusões que fugiram
Nunca mais hão de voltar !

Tombam as selvas frondosas,
Cantam as aves mimosas
As nenias da viuvez;
Tudo, tudo, vai finando,
Mas eu pergunto chorando:
Quando será minha vez ?

No véo ethereo, os planetas;
No casulo as borboletas
Gozam da calma final;
Porém meus olhos cansados
São, a mirar, condemnados
Dos seres o funeral !

Quero morrer ! Este mundo
Com seu sarcasmo profundo
Manchou-me de lôdo e fél !
Minha esperança esvaio-se ,
Meu talento consumio-se
Dos martyrios ao tropell !

Quero morrer ! Não é crime ,
O fardo que me comprime ,
Dos hombros , lança-lo ao chão ;
Do pó desprender-me rindo
E as azas brancas abrindo
Perder-me pela amplidão !

Vem oh ! Morte ! A turba immunda
Em sua illusão profunda
Te odeia , te calumnia ,
Pobre noiva tão formosa
Que nos espera amorosa
No termo da romaria !

Virgens , anjos , e creanças
Coroadas de esperanças ,
Dobram a fronte a teus pés !
Os vivos vão repousando !
E tu me deixas chorando !
Quando virá minha vez ?

Minh'alma é como um deserto
Por onde o romeiro incerto
Procura uma sombra em vão ;
É como a ilha maldita
Que sobre as vagas palpita
Queimada por um volcão !

CANÇÃO PARA MÚSICA

A MADRUGADA



urges o dia, as sombras correm
Como batido esquadrão ;
Todo o espaço é luz e vida,
Deixa teu leito querida,
Deixa o macio colchão.

Vamos respirar nos campos
A frescura da manhã,
Ver as graças nas lagôas
Espreitar entre as tabôas
Os brincos da yassanan.

Não alinhes teus cabellos,
Teus hombros não cubras, não,
Concede que em seus anceios
Os ventos beijem-te os seios
Em mal cerrado roupão.

Que molhem teus pés de fada
O orvalho dos capinzães ,
Que as borboletas te sigam
Que os colibris te persigam
No meio dos matagaes.

Minha linda preguiçosa ,
Minha sultana , meu sol ,
Não ouves junto á janella
Das aves a voz singela
Saudando o mago arrebol ?

Não sentes o doce aroma.
Dos limoeiros em flôr?
Sonhas? Os genios agora
Mesclam aos sonhos d'aurora
Fios da mais viva côr!

Levanta-te , vem , mimosa !
Não mais durmas , eis-me aqui.
Tenho pressa de fallar-te ,
Tenho tanto que contar-te ,
Que esta noite não dormi!

Meu cavallo altivo e ledô
Rincha preso a teu portão ,
Eu te espero impaciente ,
Mas tu dormes , indolente ,
Sem ouvir minha canção !

OUTRA CANÇÃO PARA MUSICA

—
O CÉGO



u sei modinhas tão bellas
Que as estrellas ,
Que as estrellas comovidas
Param no céu quando as canto !
Chorão tanto !
Lançam queixas tão sentidas !..
Sei tantos contos de fadas
Encantadas ,
Tantas historias bonitas
Que as meninas que me escutam
Se reputam
Princezas por Deos hemditas !
Sei cantigas mais suaves
Do que as aves
Do que as aves da floresta!

Em toda a parte que chego .
Pobre cego,
As moças me fazem festa !
Porém ai ! Das assusenas
Sinto apenas
O perfume que embriaga !
Tenho n'alma um céu aberto ,
Mas incerto
Nas sombras meu corpo vaga !
Virgem cuja voz divina
Peregrina
Deu-me uma idéa da luz ;
Cujos braços amorosos
Carinhosos
Partilharam minha cruz !
O canto do desgraçado
Desherdado
Das glórias da criação
Achou asylo em teu peito,
Foi accêito
De teu santo coração ;
Dize, dize que me escutas !
Que nas luctas
Da vida achei um pharol !
Ah ! tem dó de meus pezares....
Se fallares
Meus olhos verão o sol !


OUTRA CANÇÃO PARA MUSICA



UANDO tu fallas eu penso
Que livre da tempestade
Vejo o sol na immensidade
Nadando em vivo esplendor ;
E sobre um torrão bemdito
Salvo da furia das vagas
Ouço da tormenta as pragas
Ouço do raio o estridor.
Sim! — Teu amor é o porto
Onde minh'alma descrida
No naufragio desta vida
Asylo e calma encontrou ;
Praia amiga, ilha das fadas
Que a mão de Deos sobre os mares
Cobrio de eternos palmares
De areias de ouro cercou!

Falla ! Teu fallar é grato
 Como o vinho que embriaga,
Se n'alma a tristeza apaga
 Traz sonhos que não tem fim!...
Ai ! Se além na eterna glória
 Tambem os anjos se fallam,
Se não te entendem se calam
 Ou senão fallam -assim !

A UMA MULHER

ão, não arredes da verdade os olhos,
Ella foi sempre da belleza o throno.
Porque mentir? As illusões se acabam
E a vida passa como um leve somno.

É tempo ainda, nos festins da côrte
Rasga essas sedas que salpicam prantos,
E á nova aurora que te aguarda, eleva,
Como a florinha os divinaes encantos.

Sim, vem, minh'alma de teu riso escrava
Sobre o passado correrá um véo,
E tu verás como a esperança volta,
E a nuvem negra desassombra o céo.

Vem, que me importa o murmurar do vulgo;
Dos homens todos o desdem profundo?
Quando no ermo a teu olhar sublime
Verei das trevas rebentar um mundo?

Vem, as florestas te darão riqueza
Que o oiro e a prata comprarão jámais!
Templos, palacios, os terás, tão bêllos,
Que os reis da terra nunca hão visto iguaes!

Tudo isto a lyra do infeliz poeta
Só n'um harpejo alcançará de Deus....
Riam-se os nescios com seu riso estulto,
Zombem os Mydas dos enlevos meus.

Triste é a farça desta vida ingrata,
Tredo, infiel o baffejar da sorte:
Ha sobre o globo uma estação mais feia,
Mais seva e crua do que a propria morte!

Quando a velhice que apressada marcha
Vier cobrar-te seu pesado imposto,
E abrindo os braços onde o inverno dorme
Toda a frescura de manchar do rosto ;

Quando essa frente, feiticeiro espelho
Que de tua alma as perfeições revela,
Toldar-se aos poucos, retractar o aspecto
De um mar nas fúrias d' fatal procella ;

Quando essas tranças se tornarem brancas,
Seccas, despidas de subtis perfumes,
E os lindos olhos, se mudarem, frios
Em mortas brazas de passados lumes ;

Que dôr pungente sentirás no peito !
Que philtro amargo tragarás, mulher !
Tu que da vida enlameaste a senda
Sem te lembrares do porvir si quer !

Rainha, em terra ver partido o sceptro !
O throno de oiro reduzido a pó !
E após um'era de opulencia e mando
Ver-se no mundo desprezada e só !

Vem, a manhã radiará de novo!
Inda teu astro n'amplidão fulgura!
Não mais te arrojes, emula dos anjos,
A's ondas negras dessa vida impura!

Vem, que me importa o murmurar do vulgo?
O dubio riso? O escarnecer das gentes?
Se agoa precisas que teus erros lavem,
Oh! de meus olhos verterei torrentes!

ESPERANÇA



LENDA SELVAGEM

ESPERANÇA

LENDA SELVAGEM

À HUASCAR, — LEMBRANÇA



QUERIS ouvir minha historia?
Pois bem, prestai-me atenção,
Puxai esse duro cêpo,
Sentai-vos junto ao fogão:
Não ha poltronas macias
Nem canapés no sertão.

A porta está bem fechada,
Temos quentura de mais,
A lenha que estala, falla
De calma socego e paz,
Que importa que os ventos luctem
Lá fóra nos matagaes?

Que importa que a -chuva caia,
Que no céu ruja o trovão,
Que as enchurradas engrossem
As agoas do ribeirão
Se abrigados conversamos
A luz de amigo fogão ?

Quereis ouvir minha historia ?
Não precisa pedir mais,
É triste, e de historias tristes
Quem sabe se não gostais ?
Vou contar-vos, nenhum outro
De mim a ouyirá jamais.

I

Não, não foi somente o tempo
Com suas frias geadas
Que desnudou-me a cabeça.
Fez-me as faces encovadas.
Foram da vida, as borrasças,
Foram noites, de agonia,
Foram do fado, as mentiras,
Dos homens a aleivosia.

II

Nasci pobre, este delicto
Seguiu-me toda a existencia....
Sobre o tecto de uma choça
De que serve a intelligencia ?
Que vale uma alma robusta,
Um peito energico e forte
Ante o egoismo das turbas
E os anathemas da sorte ?
Nasci pobre, e alçando os olhos
Da pobreza em que vivia,
Me atrevi como os condores,
A fitar o rei do dia !

III

Foram-se os annos, sou velho,
Perdi tudo quanto amei,
Deixai que chore um momento
Tantos sonhos que sonhei !
Correi, lagrimas saudosas,
Tristes perolas de amor,
Gottas do orvalho da vida
No seio da murcha flôr !
Correi ! Ao menos sois doces,
Trazeis-me consolo ao menos....
Quanto infeliz vos derrama
Roazes como os venenos !

IV

Era na sazão bem dita
Quando as florestas viçosas
Aromas subtis respiram
E queixas melodiosas ;
Quando as leves borboletas
Gyram nas margens dos rios,
E as rôlas mais ternas gemem
Nos ermos valles sombrios.
A' minha humilde morada
Rico viajor parou...
Tinha uma filha, — outro mimo
Como ella Deus não formou !

V

Eram seus cabellos — noite !
Os seus olhos eram — luz !
Como o céu e o mar — profundos,
Como o mar e o céu — azues !
Seu fallar eram — promessas,
Seus sorrisos — recompensas
Onde o porvir se espalhava
Rico de sonhos e crenças !
E chamava-se — Esperança
Que santo nome, meu Deus !
Nome que falla da terra
Porém que nos mostra os céos !

VI

Amei-a. Era o impossivel
Que eu buscava : amei-a mais !
Amor, o que és tu sem luctas,
Sem circumstancias fataes ?
Sem revezes, sem torturas,
Sem flagicios, sem cadeias
Que o homem transponha e quebre
Como o corcel quebra as péas ?

VII

Um poema de delicias,
De infinitos planos compuz
Em dois mezes que inspirou-me
De seus olhares a luz !
Mas o destino cruento
De minha audacia se rio.
Inda eu folgava insciente
Quando Esperança partio !
Partio para longes terras,
Foi ver estranhos lugares,
Como o passaro que emigra
Foi pousar n'outros palmares

VIII

Uma nuvem de amarguras
Cercou-me a existencia então,
O céu tornou-se a meus olhos
O tecto de uma prisão !
Trez noites, trez longas noites
Em vez de dormir gemi,
Mas no fim dessas trez noites
Ergui-me, — tambem parti !
O que intentava ? — Ignoro !
O que esperava ? — Não sei !...
Surdo á razão, surdo aos homens
Lancei-me do acaso á lei !

IX

Desta infanda romaria
Não quero as penas lembrar....
Dias de acerbos angustias,
Vigilias de delirar !
Não quero lembrar as horas
De desanimo cruel
Em que traguei té as fezes
A taça de negro fel !

X

Dois annos que valem vinte,
Sem repouso, sem socego
Passei vagando entre os homens
Doido, enfebrecido e cego !
Dois annos a mesma imagem !
Dois annos a mesma idéa !....
Dois annos por toda a parte
Ebrio de amor procurei-a !
Pelas ruas, pelas praças,
Pelos campos e desertos
Buscando essa esquiva sombra
Levei meus passos incertos !
Quantos labios me sorriam !
Quanta belleza encontrei !
A quanto amor puro e casto
Voltei o rosto, — passei !
E no entanto pudéra
Sem frenesi, sem loucura
Colher a flôr perfumada
De modesta formosura.
Parar na febril carreira,
Dizer : — basta, a vida é esta,
Quem foge o commum dos seres
Segue uma estrella funesta !

A ventura é ver a prole,
Ver a paz sentada ao lar,
Ver dos tectos, o trabalho
A miseria afugentar !

XI

Mas a imagem de Esperança
Não me deixava um momento !
Era um consolo celeste
Junto a um martyrio cruento !
Via-lhe as formas divinas
No céu, nas mattas, nos campos,
Quer ao clarão das estrellas,
Quer á luz dos pyrilampos !
Se eu dormia, a nivea face
Sentia encostada á minha,
Sentia-lhe as longas transas
E a cabeça de rainha !
Ouvia-lhe a voz, tão doce,
Tão doce que eu despertava
E minh'alma estremecia,
Daquellas visões escrava !
Se eu caminhava, nos prados
Ou junto ás fontes sentada
Via-lhe o vulto sublime,
Via-lhe o corpo de fada !

E me lembrava dos contos
Que me contaram creança,
Passava as mãos pelos olhos
E murmurava — Esperança !
Esperança era o meu norte !
Esperança o meu porvir !
Esperança a maga estrella
Que via no céu luzir !

XII

De tanto errar fatigado,
Fatigado de soffrer,
Busquei nos ermos profundos
Um logar onde morrer.
Embrenhei-me no mais denso
No mais negro das florestas,
Onde a natureza virgem
Se ostenta em continuas festas ;
Onde este verme que pensa,
Farto, inflado de vaidade
Sente as fibras se crisparem
Ao sopro da liberdade.
Sente-se vil, pequenino,
Cinza, lama, podridão
E curva-se aniquilado
Perante o — Deus — Creação.

No seio de escuras selvas,
No cimo das serranias,
Dos grandes rios á margem,
Deixei passarem meus dias.
Mas nesses ermos sem nome,
Na tormenta ou na bonança,
Entre mysticos rumores
Ouvia a voz de Esperança.

XIII

Uma noite era bem tarde,
Sobre um rochedo dormia,
E em sonhos a imagem della
Mais bella me apparecia.
De repente um brado immenso
Me acordou sobresaltado,
Ergui-me, e de estranhos seres
Achei-me todo cercado,
Era uma turba selvagem
De selvagens semi-nus
Cujos dorsos reluziam
Dos astros á tenue luz.
Entre gritos e ameaças
Sobre mim se arremessaram,
Lançaram-me rijas cordas
E comsigo me levaram.

XIV

A noite inteira marchamos
Ao rebentar da alvorada
Chegamos todos á aldeia
Sobre um outeiro assentada,
Triste o primeiro espectáculo !
Quatro cabeças humanas
Se embalavam sobre estaças
Ao derredor das cabanas !

XV

As mulheres ostentavam
Ao sol as formas adustas,
Nuas, bellas pela força,
Pelas proporções robustas.
E em torno de grandes fogós
Entre ligeira fumaça,
Volviam sobre os brazidos
Pingues productos da caça.
Em quanto não muito longe
Reunidos os filhinhos,
Jogavam no chão seus brincós
Feitos de brancos ossinhos.
Ou saltavam sobre varas,
Ou ageis, fortes, luctavam
E com alegres celeumas
Os espaços atroavam.

XVI

Levaram-me logo ao chefe
 Que me guardou junto a si :
 Das palavras que disseram
 Por Deus que nada entendi ;
 Mas entre esta rude gente,
 Sujeito a seu jugo e lei
 Mais fraqueza e mais verdade
 Do que nas praças achei.

XVII

Era do chefe a morada
 Maior do que as mais cabanas,
 Coberta de grossa palha,
 Cercada de verdes cannas.
 Atrás della poucos passos
 Entre palmeiras pousada
 Via-se — á parte — das outras
 Outra cabana isolada.
 Uma cerca forte, unida,
 De trepadeiras coberta,
 Guardava o ambito triste
 Daquella casa deserta.
 Ninguem chegava-se a ella,
 Della todos se afastavam,
 A voz baixavam medrosos
 Se acaso della fallavam.

A' tarde um velho indiano
Junto a cerca se postava,
E estranho insipido canto
Lentamente murmurava.
E os mancebos, e as mulheres
Em chusma se reuniam
Seguindo o insipido canto
Cujas notas repetiam.

XVIII

Daquelle asylo o mysterio
Tentei penetrar em vão!
Que deus, que thesoiro occulto
Ali vendavam-se então?
Tarde o soube!... — Ha nesta vida
Arcanos de endoidecer,
Desgraçado o que procura
Seu fundo escuro entrever!

XIX

Muitas luas se passaram,
Muitas noites, muitos dias
Em que o quadrante do tempo
Marcou penas e alegrias.

Não para mim que sem crenças,
Sem gozos, sem esperança
Não enxergava em meu fado
A mais ligeira mudança !

XX

Um dia a filha do chefe,
Moça airosa esbelta e forte,
Sentou-se triste a meu lado
E me fallou desta sorte :
Tu soffres, pobre estrangeiro,
Soffres e eu soffro por ti,
Perdi a paz de minh'alma
Depois que chegaste aqui !...
Sou virgem, bella me chamam
Toma-me pois por mulher !...
Segredos que só conheço
Nem os presentes siquer !
Serei tua companheira,
Dar-te-hei filhos valentes
Que suplantem com seus feitos
Os mais bravos combatentes !
Assim fallou-me aos ouvidos
Aquella adusta creança,
Fitei-lhe um olhar dorido
E disse baixo — Esperança !

XXI

— Aceitas-me por esposa ?
— Pois bem, seja assim, — acceito !
Beijei-lhe as faces morenas
Cerrei-a contra meu peito :
Mas tomarás outro nome,
Te chamarás Esperança,
Traz esse nome aos que soffrem
Dias de paz e de bonança !
Ella sorrio-se. De novo
Nossas cabeças se uniram,
Mas duas lagrimas tristes
Sobre seu seio cahiram.
Pobre filha das florestas
Tu crêste no que eu fallava !
Minh'alma pensava em outra,
Minha bocca te beijava !

XXII

Não tardou a hora infausta,
Desse infausto casamento !
Toda a tribu poz-se em festa
Toda a aldeia em movimento :

O dia inteiro dansaram
Junto de grandes fogueiras,
Ao som de instrumentos ledos,
Ao som de canções fagueiras.
Ao sol posto, em frente à taba
Servio-se o lauto festim....
Feliz a virgem dos ermos
Sorria-se junto a mim!
Sorria-se.... Ah! covardia!
Miséria! Traição escura!
Meu espírito zombava
No olhar ao ler-lhe a ventura!
Depois do banquete agreste,
Da noite as sombras desceram,
Levantaram-se os convivas,
Grandes fachos acenderam

XXIII

Adornaram-me de acacias
A cabeça mal-fadada,
E entre clamores levaram-me
A' cabana abandonada.
Então um velho da tribo
D'entre a multidão sahio,
E nos chamando, silente
A tremenda porta abriu.

XXIV

— Allumiai, disse. Logo
Dois moços se adiantaram,
E á luz vermelha dos fachos
O recinto clarearam,
E o velho mudo, curvado,
Fazendo um signal entrou,
Junto de um altar grosseiro
Ergueu os braços, parou.
Sobre aquelle altar grosseiro
Qual tripeça de sybilla,
No meio de sêccas palmas
Estava um vaso de argilla.

XXV

Cantai, cantai ! Brada o velho
A divindade aqui está !
Ella ouvirá nossas vozes
Nossas preces ouvirá !
E todo o corpo agitou-lhe
Convulso, febril tremor,
Estranhos gestos fazendo
Do tosco altar ao redor.

XXVI

A' porta a turba dansava
Com selvagem phrenesi,
Dando gritos tão medonhos
Como jamais os ouvi !
Meus olhos não se affastavam
Daquelle vaso de argilla :
— Que segredo, que thesouro,
Que mysterio ali se asyla ?
Assim dizia commigo,
E o rumor crescia, — ia
Unir-se á voz das torrentes
Em longinqua serrania !
E aquelle infernal tripudio
De mais a mais se augmentava !
Tinha um — que — de horrendo e vago
Que a loucura similhava !

XXVII

De subito um brado immenso
Pelo espaço restrugio !
Adorai ! O velho exclama.
Com elle a tribu rugio !

Adorai ! A larga tampa
Do vaso sinistro alçou,
E uma formosa cabeça
Pelas transas levantou !
Adoremos ! Gritam todos,
Moços, mulheres e velhos....
Soltei um gemido acerbo,
Cahi no chão de joelhos !

XXVIII

Era uma fronte celeste,
Fronte de santa e creança....
Ai ! Essa fronte sem manchas
Era a fronte de Esperança !
No collo airoso uma tarja
Funda, horrivel, negrejava,
Mas o rosto era tão branco,
Tão branco que deslumbrava !

XXIX

De certo bastante tempo,
Bastantes dias passaram
Depois que os broncos levitas
Sem piedade a deceparam !

Porém, milagre! Prodigio!
Esta fronte nova, eleita,
Zombava da morte ainda!
Estava illesa e perfeita!
Parecia rir-se! O somno
Nublava-lhe o olhar apenas;
Era calma a nivea testa,
Calmas as faces serenas!
Sem depressões e sem rugas,
Sem aspecto funerario,
Mas como o marmore antigo
Que eternisa o estatuario.

XXX

Que pensamento sublime,
Que mysterio excélso, augusto
Pressentira a turba insonte
Naquelle esplendido busto!
Veria de novas crenças,
De um culto mais puro e bello
A vasta palavra escripta
Naquelle riso singelo?
Veria de um Deus a imagem
Mais viva, mais séria então
Naquelle airosa cabeça,
Naquelle activa expressão?

Não sei! As sombras da morte
Sobre minh'alma passaram,
E vozes de um outro mundo
Por meus ouvidos soaram!
Senti o frio das campas,
Cahi sem forças no chão
Ao voltar de novo á vida
Perdera a luz da razão!

XXXI

Por muito tempo na tribu
Sombrio e mudo vivi,
Livre, depois, estas serras
Por meu asylo escolhi.
Meu espirito aclarou-se
Dos annos curvei-me á lei....
Mas ah! Sinto ainda o peso
Dos males que supportei!

MIMOSA

POEMA DA ROÇA

TRES CANTOS

MIMOSA

POEMA DA ROÇA

CANTO PRIMEIRO

INTRODUÇÃO.

OFFERECIDO A MEU AMIGO P. C. CASTRO.



ENSOR austero, rigido analysta,
Guarda zeloso de banaes regrinhas,
Deixai vosso escalpelo infatigavel,
Poupai estas quadrinhas !

Cada esphera da humana intelligencia
Tem milhões de degrãos, milhões de faces,
A musa é sempre musa, embora exalte
As mais humildes classes.

A idéa não tem marcas nem barreiras,
E o pensamento irmão da liberdade
Quando as azas sacode abate e quebra
Mais de uma autoridade.

Tudo é nobre na terra, tudo é grande,
Tudo se adorna de ideal belleza
Quando o poeta ha consagrado a lyra
No altar da natureza.

Lançai vossos preceitos e tratados
Ás chammias vivas de voraz incendio....
Alma que sente, que se inspira e canta
Não conhece compendio.

NARRAÇÃO.

Gastei meu genio, desfolhei sem pena
A flôr da mocidade entre os enganios,
E cansado das lidas deste mundo
Procurei o deserto aos vinte annos.

A cavallo, sem rumo, o olhar tristonho,
No bocca o saibo de fatal veneno,
Percorria as campinas e as montanhas
Da bella terra de Amador Bueno.

Era no mez de Agosto, o mez dos risos,
Das doces queixas, das canções sentidas,
Quando no céu azul, ermo de nuvens
Passam as andorinhas foragidas.

Quando voltam do exilio as garças brancas,
Quando as manhãs são ledas e sem brumas,
Quando sobre a corrente dos ribeiros
Pende o cannaveal as alvas plumas.

Quando palram no matto os periquitos,
Quando corre o tatú pelas roçadas,
Quando chilra a cigarra nos fraguados
E geme a jurity nas assomadas.

Quando os lagartos dormem no caminho,
Quando os macacos pulam nas palmeiras,
Quando se casa o grito da araponga
A' triste e surda voz das cachoeiras.

Então que de poemas nas florestas !
Que de sonhos de amor pelas choupanas !
Que de selvagens, mysticos rumores
Dos lagos pelas verdes espadanas !

Um brando véo de languidez divina
Paira sobre a cabeça dos viventes,
Vergam-se as maravilhas sobre as hasteas,
Refrescam-se os cipós sobre as torrentes.

Quedam-se as borboletas nos pomares,
Gemem os sabiás pelos outeiros,
Chamam-se enamorados os canarios,
E os fulvos bem-te-vis nos ingáseiros.

O lavrador recolhe-se á palhoça,
Reclina-se na esteira e se espreguiça,
E entre os folguedos da bemdita prole
Se entrega ao doce vicio da preguiça.

O viandante pára nas estradas,
Abre os alforges, e do matto á sombra
Depois de cheio e farto fuma e sonha
Da molle grama na macia alfombra.

A natureza inteira ama e soluça,
Ebria de aphrodisiacos perfumes,
E a mente solitaria do poeta
Se abraza em chammas de insensatos lumes.

Foi quando vi Mimosa a vez primeira,
Beija-flôr do deserto, agreste rosa,
Gentil como a Dalila da Escriptura,
Mais ingenua, porém, mais amorosa,

Punha-se o sol, as sombras somnolentas
Mansamente nos valles se alongavam,
Bebiam na taberna os arrieiros
E as bestas na poeira se espojavam.

O fogo ardia vivido e brilhante
No vasto rancho ao lado do giráo,
Onde os tropeiros sobre fulvos couros
Entrégavam-se ao culto do pacáo.

A caxaça alegrava os olhos todos,
As cuias de café se repetiam,
E as fátuas baforadas dos caximbos
Nos caibros fumarentos se perdiam.

A viola soava alegremente,
Que meigas notas! Que tanger dorido!
Vida de sonhos, drama de aventuras,
Não, vós não morrereis no mar do olvido!

Mimosa estava em pé sobre a soleira
Da exigua entrada da mesquinha venda,
Saudosa, como á sombra do passado
Um typo de balada ou de legenda.

Saudosa, sim, cercada do prestigio
Dessa belleza vaga indiffinivel,
Cuja expressão completa em vão procura
O pobre pensador sobre o visivel!

Que faz lembrar o que existio, é certo,
Porém, aonde e quando? Que tortura
A memoria impotente e em vez de um factio
Mostra ao poeta o abysmo da loucura!

Indeciso clarão de uma outra vida!
Fugitivo ondular, dobra ligeira
Do manto do ideal estremecendo
Entre bulções de fumo e de poeira!

Raio de Deus na face da materia!
Frouxo luzir do sol da poesia!
Eu vos contemplarei a pura essencia?
Eu poderei gozar-vos algum dia?

Nada de digressões. Minha heroína
Fumava um cigarrinho branco, leve,
Delgado como um brinco de criança,
Como um torrão de assucar ou de neve.

E o vapor azulado lhe vendava
De quando em quando as faces peregrinas,
Parecia uma fada do Oriente,
Uma visão do opio entre neblinas.

A saia de ramagens caprichosas
Cahia-lhe em prodigios da cintura,
Entre os bordados da infiel camisa
Tremião dous delirios de esculptura.

Sobre a direita, a perna esquerda curva,
Capaz de enlouquecer Phidias o mestre,
Dava um encanto singular ao vulto
Daquella altiva perfeição campestre.

Depois em tamanquinhos amarellos
Pés de princeza, pés diminutivos,
Cutis morena revelando a vista
Do pècego e do jambo os tons lascivos.

Olhos ebrios de fogo, vida e goso,
Sombrias palpitantes mariposas,
Cabellos negros bastos, ennastrados
De roixos manacás e rubras rosas.

Eis Mimosa ! Seu corpo trescalava
O quente e vivo aroma da alfazema,
Perfume de cabocla e de roceira
Porém que para mim vale um poema !

P a r e n t h e s i s .

Chamo-me Marcos Marques, e sou filho
De meu pai, minha mãe e mais ninguem,
Perdi-os muito cedo, e vos declaro
Que delles não herdei nem um viatem.

Perdoai-me, leitor, se até agora
Nada vos tenho dito a meu respeito,
Quando esta historia passa-se era moço
E estudava a sciencia do direito.

Póde bem ser que livros não abraisse,
Que não votasse amor á sábia casta,
Mas tinha o nome escripto entre os alumnos
Da escola de S. Paulo e é quanto basta.

Continuação.

Queres tu descansar? Ella me disse
Dos labios retirando o cigarrinho,
Não faças cerimoniaes, minha casa
Ahi está sobre a margem do caminho.

Tenho boa aguardente, vinho e fumo,
Café bem forte, sempre acêso o fogo;
Se estás triste, doente ou namorado
Lá poderás scismar em desafogo.

Vem pois commigo. E a segui pensando,
Sombria a noite já ganhára a terra,
E ao longe occultos nos pinhaes soltavam
A voz sentida os bacurãos da serra.

Zumbia o insecto na espessura, os sapos
De seus recantos humidos sahiam,
E aos rumores do dia moribundo
Os rumores das sombras succediam.

As estrellas brotavam vivas bellas
Do céu azul na face transparente
D'onde um ligeiro manto de vapores
Baixava sobre os valles mansamente.

Mais preguiçoso o arroio murmurava,
Mais surdo o vento nos sarçães gemia,
Mais seductora a imagem de Mimosa
D'entre as balsas floridas me sorria.

A casa era pequena mas bem feita,
Coberta de sapé, de páos cercada,
Aos lados gravatás, — flôres na frente
Uma cruz no terreiro levantada.

A' porta respeitavel confraria
De gatos brancos, pretos e vermelhos,
Gansos e frangos, patos e marrecos
Magros rafeiros e mollossos velhos.

Cortiços á parede, — sobre o tecto
Um bugio satyrico e farcista,
Preso á janella verde papagaio
Grave e analysador como um legista.

Entramos. A sallinha estreita e clara,
A rêde ao canto, a corda atravessada
Cheias de saias brancas e vestidos,
Camisas de morim, roupa engommada.

Grosseiros quadros de disformes santos,
Duas mesas, — três bancos, — um pilão,
Caixas de pinho, cestos de taquara,
Esteiras de tabôa sobre o chão.

Tudo porém tão limpo e tão singelo,
Tão ordenado estava e bem disposto,
Que me senti, se não contente, ao menos
Livre de meu fatidico desgosto.

— Tira o casaco e senta-te na rêde ;
Como estás triste ! — Disse graciosa.
— Achas-me triste ? — Sim. — Como te chamas ?
— Francisca, o povo chama-me Mimosa.

— Moras aqui sósinha ? Só, creança
Vi-me sem pai, sem mãe, sem um parente.
Alheios peitos me aleitaram, pobre
Até hoje vivi, porém contente.

— E que idade tens tu ? — Deseseis annos.
— Deseseis annos, céos ! E nesta vida
Nunca encontraste alguém que te amparasse,
Que te dêsse morada, pão, guarida ?

— Ninguém. Quem dá guarida ás borboletas?
Quem dá sustento aos passaros da serã?
Foi esse que amparou-me neste mundo,
Foi esse que ajudou-me sobre a terra!

— Vives feliz? — Se vivo! Quantas ricas
Invejam-me a pobreza e a liberdade!
Quantas, pelo dever, queimão de prantos
A corôa vivaz da mocidade!


Quantas se vendem pela vida inteira
Aos beijos vis de um opulento esposo,
E nos seus braços torcem-se offegantes
Buscando em vão no desespero o goso!

Eu não tenho ambições, amo e me entrego,
Nenhuma lei me prende a quem odeio!...
És bello e moço, dizem que sou linda,
Queres tu repousar sobre meu seio?

Pobre Mimosa! Nos meus braços frouxos
Para junto de mim sorrindo a ergui..
A noite adiantava-se, as estrellas
Desmaiaram no céu, adormeci.

MIMOSA

CANTO SEGUNDO



QUANDO tentei partir, á madrugada,
Mimosa me deteve. — Ah! não me deixes,
Murmurou a chorar,
Nesta só noite que passei contigo,
Tanto, tanto sonhei, que outra me sinto,
A' luz de teu olhar!

Não partas, fica, tenho dentro d'alma
Um mundo que se forma pouco e pouco,
Que em breve ha de surgir...
Porque rasgaste o véo que me occultava
Tanta esperança, tantos resplandores,
Se tinhas de partir?

Escuta : — a teu fallar estas campinas,
Estas florestas, estes altos montes
São novos para mim ;
Minha vida, mais bella, é como um astro
Que livre da tormenta em paz caminha
No céu de azul setim !

Hontem, cega, insensata, atravessava
Erma de sonhos, a existencia, como
Cansado viajor. . . .
Hoje só vejo flôres e ouço cantos,
Conheço quanto valho neste mundo,
Por ti, por teu amor !

Tu dissipaste a nevoa de meus olhos,
Mostraste-me um paiz de eternos gosos,
Além de um verde mar ;
E quando sinto a força, ensaio os passos,
E cheia de ambição fito o horizonte,
Procuras me deixar !

Não partas ! Olha, em breve as mattas virgens
Se tornarão em mysticos palacios
Como nunca verás !
Em leitos de oiro correrão mil fontes,
Mil maravilhas encherão a terra....
Tudo isto cantarás !

Tudo isto cantarás! Teus doces labios
Sabem mysterios junto aos quaes são poucos
Os thesouros de um rei!
Quando tu fallas cerram-se-me os olhos....
Parece que hei vivido um'outra vida,
Quando e aonde, não sei!

Oh! não partas! Disseste que as cidades
Tinham-te morto n'alma as esperanças,
E as flôres do porvir;
Que só topaste corações sem crenças,
Almas vazias, labios deslavados
Afeitos a mentir!

Tenho um diluvio de illusões na fronte,
Tu as geraste! As emoções devoram
Meu seio de mulher!...
Toma-me por escrava! Meiga, humilde,
Eu não te occultarei, tanto te adoro!
Uma idéa se quer! —

Assim fallou Mimosa, e suspendida
A meu pescoço, em lagrimas banhada;
Sorriò e se calou.
Beijei-lhe os braços nus, beijei-lhe o collo,
Beijei-lhe a rósea boca, fiquei mudo.
Mas minh'alma fallou!...

(Já sei, compadre, que acharás impropria
Nos labios de Mimosa tanta pompa,
Tão alta locução ;
Não importa, atavio-lhe a lingoagem
Sem lhe afogar a idéa — si discutes,
Mando-te á Introducção.

Voto horror aos rethoricos e mestres
Que exigem copiada a natureza
Tal e qual ella está :
Sem meias tintas e artificios finos
Pinta-me um quadro, tu verás se minto,
Que monstro sahirá).

As silhas desatei de meu cavallo,
Tirei-lhe a sella, e o freio que insoffrido
Mascava com ardor ;
O formoso animal rinçou contente,
D u tres saltos robustos, e espojou-se
Da relva no frescor.

— Mimosa, eu ficarei! Pouco me importa
O que os homens disserem ! Desgraçados,
Miseraveis de nós
Se a cada passo neste ingrato mundo
Tomassemos por lei de nossos actos
Das multidões a voz !

Eu ficarei ! Quem sabe se mais tarde
Na hora extrema, meu viver revendo,
Tivesse de chorar
Alguns dias de goso verdadeiro,
De calma e de socego, que em teus braços
Não soube aproveitar ?

Tu és a flôr do matto airosa e bella
Aberta á noite, á medo bafejada
Por ventos do sertão ;
Nunca a mentira te pousou nos labios,
Nunca um punhado de oiro ha seduzido
Teu livre coração !

Sentindo as azas leves, perfumadas,
Do genio do prazer rossar-te o peito,
Gozaste, sem amor....
Na sarça escura a pomba tambem geme,
E a corça meiga, entrega-se nos ermos
Dos seres do pendor.

A pobreza que atira ás espeluncas
Milhões de virgens, cujos corpos mata
Mercenario gosar,
Deixou-te aqui vedada aos libertinos,
Inda ignorante da fatal sciencia
Que ensina o lupanar !

Nunca o astro das noites encantadas
Deixou cahir em faces mais formosas
 Seu humido clarão!
Como teus olhos nunca hei visto estrellas!
Como teus labios não tem côr a aurora,
 E rosas o verão!

Eu ficarei contigo! Em teus carinhos
Quero afogar, sonhando ethereos sonhos,
 Da mocidade a flôr!
Quero morrer sentindo-te em meus braços
Chorar, gemer, estremecer sem forças.
 Em dilirios de amor!

Assim fallei-lhe, e como ao leve corpo
De uma leve creança, em meus joelhos
 Brandamente a depuz;
Cerrei-a contra o peito, e largo tempo
Mudo assisti ás festas de su'alma
 De seus olhos na luz.

Responde-me, compadre, crês acaso
Que habita a virgindade só no corpo
 De donzellas noveis?
Que não ha cortezãs por entre as virgens,
Como entre cortezãs virgens existem,
 Mesmo até nos bordeis?

Que do casto sacrario a fome livida
Não conduza aos alcouces, macilentas,
Puras, santas vestâes,
Em quanto o oiro esconde em véos pudicos,
Illezos corpos, cujas almas queimam
Ardores infernaes ?

Pede emprestada ao cynico a lanterna,
Percorre as praças, entra nos palacios
Devassa os camarins,
E dize-me depois, quantas mulheres,
Virgens do corpo, achaste, agasalhando
Almas de seraphins ?

Poucas, bem poucas!... Muda de caminho,
Lança por terra o baço candieiro
E calmo pensador
Contempla esta creança! Algo descobres
Que não seja candura, paz, bondade
Intelligencia e amor?

De novo as illusões e os aureos sonhos
Que o mundo afugentára me surgiram
Na viva phantasia!
O verdadeiro amor, o amor sagrado
Que prende o sonhador á natureza
N'uma estreita harmonia,

Esse que a voz das aves interpreta,
Que innunda de clarões os mais profundos
 Antros da Creação,
Que a mentira dos homens não extinto,
Mas esfriado havia a lentos sopros
 Dentro do coração ;

Esse brotou mais forte e mais intenso !
E eu me senti nas azas conduzido
 De aspirações sem fim
Para o cimo das serras altaneiras,
Onde o arrebol semêa ilhotas de oiro
 Em lagos de carmim.

E eu invoquei os passaros errantes
Que vem de longes climas desenhando
 As sombras nos sertões,
Afim de que mostrassem-me nos ermos
Um remanso feliz onde soltasse
 Minhas livres canções.

E fallei á Mimosa dos desertos,
Das plagas afastadas do bulicio,
 Do mundano rumor,
Onde nem traços de homem se estampassem
Dos amplos chapadões sobre as areias
 De deslumbrante côr.

Fallei de uma casinha á beira d'agoa,
Occulta entre as folhagens verde-escuras
Dos ricos laranjaes ;
De um jardimzinho, —do arrulhar dos pombos,
Da sesta no pomar, —de quanto almeja
Quem sonha e ama de mais !

Ella me ouvia, e por seus bellos olhos
Eu via-lhe a voar o pensamento
No espaço do ideal !
Depois nossas cabeças se encostavam,
Nossas almas fundiam-se n'um canto
Sublime, sem igual !

Tres mezes decorreram, em tres mezes
Vivemos por tres seculos, Mimosa
Se tranformara então ;
Minhas idéas de poeta haviam
Lhe esclarecido o espirito dotado
Por celeste condão.

A noite no terreiro eu lhe fallava
Da harmonia dos astros, de seus gyros
E leis universaes ;
Da existencia dos seres que pululam
Na eterna criação ; da natureza
Das almas immortaes.

Eu lhe contava a vida da florinha,
A formação do seixo, a intima historia
Das arvores titães ;
E pouco a pouco as relações mostrando
Das cousas e de Deus, me levantava
Té as idéas mães.

Narrava-lhe dos povos que passaram
Todas as crenças, todas as legendas,
Usos, religião ;
E os prodigios da arte, e as maravilhas
Que se deram na terra á luz divina
Da santa redempção.

Tres mezes decorreram, mas nem sempre
Como no céu azul a casta diva
Das tradições pagãs,
Nossa existencia deslisou tranquilla....
Parece que a tormenta ama e prefere
As mais bellas manhãs !

Mimosa tinha um circulo de ousados
Cegos adoradores, broncos vates,
Valentões commensaes,
Paladinos de esperas e emboscadas
Cujas noites contavam-se por brigas
E surdas bacchanães ;

Logo aos primeiros dias, às visitas
Dos Adonis boçães, indifferente
 Mostrou-se e fria até ;
Depois foi se esquivando a seus gracejos,
Por fim negou-se por uma vez ao tracto
 Dessa indigna relé.

Então feridos no brutal orgulho,
Calcados pelos pés de uma creança
 Que pensavam dobrar,
Uniram-se esquecendo os mutuos zelos,
E ardendo em furias de despeito e raiva
 Juraram se vingar.

Uma historia de luctas improficuas
De dias sem repouso e inquietas noites
 Começou para mim !
Tornou-se a casa um forte sitiado,
E a guerra deçlarou-se atra em seus meios,
 Cruenta no fim !

Era Nho Láo o chefe dos guerreiros
Do exercito inimigo, audaz roceiro,
 Como Ulysses sagaz
Ciladas que evitei deste malvado,
Tramas que desmanchei, contar não posso,
 Tantas eram e taes !

Por duas vezes escapei, Deus sabe,
Como, de horrenda surra de cacete
Dada por dextra mão !
Muitas outras de laços e armadilhas
Erguidas no caminho que eu trilhava
Com toda a precaução !

Aqui eram traidôres, fundos fossos
Cobertos de paosinhos, escondidos
Em branca e fina areia ;
Ali pesada pedra em fragil corda ;
Além ponte infiel lançada adrede
Sobre torrente feia !

Mimosa era um prodigio de bravura,
De finura e de tactica ! Uma noite,
Já bem tarde era então,
Ella me despertou : — Ergue-te, disse,
Incendiam a casa, não percamos
Nem um minuto, não !

Fujamos ! Levantei-me de um só pulo,
Tomei duas pistolas, — eis-me prompto,
O que faremos nós !
— Fujamos, repetio, ainda é tempo,
Elles não nos verão, todos entregues
A seu projecto atroz !

Assim dizendo, me lançou aos hombros
Um pesado capote e foi juntando
A roupa que encontrou;
Deu-me uma trouxa, encarregou-se de outra,
E á porta do quintal se dirigindo,
Abrio, e observou.

— Nada suspeitam, vamos. — Quão formosas,
Quão serenas luziam as estréllas.
No Céu sombrio-azul!
Nem uma nuvem maculava o espaço!
A nossa frente n'amplidão brilhava
O Cruzeiro do Sul!

E caminhamos, caminhamos; frias
Batiam-nos no rosto e nos cabellos.
Da noite as virações;
O orvalho nos molhava os pés descalços:
Os espinhos do matto nos cobriam
As faces de arranhões.

Chegando ao cimo de um pequeno outeiro,
Ella parou, — estou cansada, disse,
Repousemos em paz,
Estendi meu capote sobre a relya,
Sentamos-nos, voltando a vez primeira
Os olhos para traz.

Tudo estava tranquillo. A varzea, o rio,
A estrada solitaria, os fundos valles
Pareciam dormir ;
Nada turbava o placido silencio,
Senão de errantes cães soltos no campo
O espaçado latir.

Mas pouco e pouco um rôlo de fumaça
Denso, pesado qual medonha tromba
Suspensa em alto mar,
Do tecto da cabana de Mimosa
Ergueu-se lentamente e em ondas torvas
Desdobrou-se no ar !

Em breve a chamma brilha, zune, estála,
Em rubras labaredas lambe os caibros
E devora o sapé !
As aves de redor fogem piando !
Torram-se as plantas, ardem se torcendo
E tudo em ruinas é !

Mimosa contemplou a ultima chispa
Que do pobre casebre levantava-se
Voando para o céu,
E quando viu que tudo estava findo
Junto a mim se deitou sobre o capote,
Cobrio-se e adormeceu.

Quando acordei o sol no azul espaço
Parecia entornar sobre as campinas
 Torrentes de oiro em pó....
Sentei-me, olhei em roda, olhei de novo...
Mimosa se esvahira como um sonho,
 E eu suspirava só !

MIMOSA

CA O TERCEIRO



VERDADE !. Estupida ccisa!
Consocia eterna do mal!
Deidade nos desenganos !
Inimiga do ideal !
Verdade, porque me obrigas
A tristes scenas narrar,
Quando pudera esta historia
De outra maneira findar ?

Tu que apalpas as feridas
Mais immundas dos mortaes;
Que não tens nojo de nada,
Que sempre despida estás ;
Queres que um vate inspirado,
Que um heróe entre os sandeus,
Se esquive aos vãos do genio
E siga os dictames teus !

Já que não tenho remedio,
Já que me prendes assim,
O resto de minha farça
Vou contar tim por timentim.
Eu bem pudera, estou certo,
Se te quizesse negar,
Fazer succumbir Mimosa
De molestia pulmonar :
E como Dumas o filho
Com quem brigaste, já sei,
Por seis escarros de sangue
Ter a corôa de rei.

Mas tu subornas-me a Musa,
Tentas curvar-me, pois bem !
Hei de acabar o poema
Sem auxilio de ninguem !

Tres annos, tres longos annos
De funda melancolia,
Passei de novo sentado
Nos bancos da academia.
È em vez de cantar as festas,
E as bellesas do sertão,
Traguei as purgas amargas
De Gaio e de Labeão !

Mas um dia resolutto
Cobrando o antigo vigor,
Queimei os livros bramindo:
Não sirvo para doctor!
Hei de encontrar-te, Mimosa,
Minha luz, minha esperança!...
Serei outro D. Quichote,
Só me falta um Sancho Pança!

Arrangei um burro magro
Manhoso como um poeta,
Mas talvez intelligente
Como a besta do propheta;
E procurando as montanhas
Que ao longe, ao longe azulavam
Senti que em minh'alma afflicta
Meus sonhos resuscitavam!
Senti que ainda era um homem,
Que tinha illusões sem fim,
Que o anjo de minha guarda
Folgava por ver-me assim!

E caminhei... — Como gratas
As florinhas me sorriam!
« Por onde andaste, poeta? »
Parece que me diziam!

Os cantos dos passarinhos,
Os brandos sopros da aragem,
Fallavam-me: — Sê bem vindo!
Conta-nos tua! viagem!

E os velhos cedros da matta,
Com gesto grave e sombrio,
Perguntavam-me, severos:
— Por onde andaste, vadio?
— Como vens tão bem vestido!
Que lindo colete trazes!
Que tôlas palavras dizes!
Que lindas momices fazes!
Perdeste a vista? Coitado!
Pobre, misero poeta!
Partio com olhos de lince
Porém volta de luneta!
Aprendeste muito! Sabes,
De cór a legislação?
Conheces bem o Digesto?
Leste as obras de Lobão?
E riam-se, e tanto riam-se,
Esses Titães da sciencia,
Que recei um momento
De perder a paciencia!

E por fim aborrecido
De tanta mordacidade
Queimei á noite n'um rancho
Minhas roupas de cidade !

Quinze dias se passaram.
Sem descanso caminhava,
Quando avistei as paragens
Onde Mimosa morava.
Parei junto á mesma venda
Que tinha o mesmo balcão,
A mesma portinha estreita,
O mesmo bom vendilhão ;
As mesmas teias de aranha,
Os mesmos barris vazios,
A mesma infiel balança,
O mesmo rol de vadios.
Vi defronte o mesmo rancho,
Em torno as mesmas collinas,
As mesmas côres nas plantas,
A mesma luz nas campinas !
Mas da casa de Mimosa
Nem um esteio existia,
E a Troya de tantos sonhos
Só em minh'alma vivia !

Cheio de mortal tristeza
Dirigi-me ao taberneiro :
— Preclaro negociante
Sem igual no mundo inteiro ;
Dizei-me, vós cuja fama
Foi sempre séria e honrosa,
Dizei-me, por Deus vos peço,
Dizei-me, onde está Mimososa !

O homem das meias quartas
Lançou um sentido olhar,
Depois abaixando o rosto
Começou a soluçar.
Mimososa !... disse, — Mimososa !
Buscas por ella tambem ?
Ah ! Depois que foi-se embora
Não ganho mais um vintem !
Estou perdido, arruinado,
Sem freguezes, meu amigo !
Nós somos dous infelizes :
Deixa que chore contigo !

— Mas onde foi a traidora ?
Com quem partio ? — Eu não sei !
— Vou indagar... — Nada alcanças,
Já de todos indaguei !

Sumio-se como um demonio!
Não deixou nem um signal!
Meu destino está traçado!
Morrerei n'um hospital!..

— Pelas orelhas de Judas!
Bradei. — Se me fôr preciso
Descer aos negros infernos
E subir ao Paraiso,
Eu o farei! Porém juro
Que hei de trazel-a commigo,
Preclaro negociante,
Meu illustre e nobre amigo.
Dizendo assim, as espóras
Enterrei em meu burrinho,
Que poz-se a rinchar alegre
Trotando pelo caminho.

EPILOGO

.

Leitor, meu leitor querido,
Homem da roça ou da praça,
Que tiveste a desgraça
De me prestar atenção ;
Leitor do meu coração,
Ouve, falta quasi nada
Para o fim desta embrulhada.

Escutai : era uma noite,
Noite horrenda e tenebrosa,
Noite de trovões madonhos
E de chuva copiosa.
As arvores da floresta
Naquella noite funesta,
Tão fundamente gemiam
Que ás estações pareciam
Dizer um ultimo adeus !
Eu caminhava, — no espaço
De subito luz sinistra,
Sangrenta, sulphurea listra
Flamejou aos olhos meus !

Um estrondo **immenso**, horrivel
Ribombou pelo infinito !
Soltei um agudo grito,
Buscando ar pela **amplidão**;
Minha razão **desvairou-se**,
Minhas veias se gelaram,
Meus joelhos **fraquearam**,
Cahi sem forças no chão !

Mas quando senti de novo
No seio a vida... Portento !
N'um esplendido aposento
Me achei ! Que moveis pomposos !
Quantos paineis preciosos !
Que perfumes deleitosos !
Que prodigios me cercavam !
Onde estou ? gritei erguendo
A frente dos travesseiros.
Então um homem contando
Talvez sessenta Janeiros,
Approximou-se dizendo :
— Amigo, esta casa é vossa ;
Eu sou um homem da roça ;
Dizem-me rico, importante,
Et cætera. Um viajante,

Meu compadre e meu vizinho,
Esta noite no caminho
Vos encontrou desmaiado.
Suppomos ter sido o raio
Que a poucos passos cahira
A causa desse desmaio.
Não 'stais ferido, louvado
Seja Deos. Agora, amigo,
Já disse, esta casa é vossa,
E eu sou um homem da roça,
Não vos zangueis pois commigo
Se vos deixo. Minha esposa,
Desvelada e cuidadosa,
Junto de vós ficará. —
Assim dizendo, — Sinhá !
Gritou. Oh ! cousa assombrosa !
Uma porta abrio-se e airoza,
Mais bella do que uma fada,
Mais bella que a madrugada,
No meu quarto entrou Mimosa !

Se não findo a historia já,
Não sei como findará.


ANTONICO E CORÁ

HISTORIA BRASILEIRA

Homenagem ao genio desconhecido, — á primeira inspiração brasileira

O SR. TENENTE-CORONEL

ANTONIO GALDINO DOS REIS

 Corá tinha vinte annos,
Antonico pouco mais;
Eram ambos dous pombinhos
Sem iguaes.

Amavam-se; n'este affecto
Ninguem dubios laços veja,
Elles estavam ligados... ..
Pela igreja.

Corá na voz, nos requebros
Era mesmo uma hespanhola,
Antonico um Alexandre
Na viola.

Quatro annos de venturas
Passaram os dous no ermo;
Mas as ditas deste mundo
Teem um termo.

O nosso heróe obrigado,
Por uma questão urgente,
Teve de deixar a esposa
De repente.

Corá chorou por tres noites
Por tres noites lamentou-se;
Mas no fim dessas tres noites.....
Consolou-se.

Aonde fôra Antonico ?
Bem não sei, nem bem me lembro,
Findava-se o mez, supponho,
De Setembro:

Passou Outubro, Novembro,
Dezembro e entrou Janeiro,
Antonico demorou-se
O anno inteiro!

Corá, cujos roseos sonhos
Mudavam-se em pó e fumo,
Tomou sem mais ceremonias
Outro rumo.

Mas onde estava Antonico?
Não sei, dessas longes plagas
Guardo apenas na carteira
Notas vagas.

O que sei é que no cabo
De tres ou de quatro mezes,
Procurou quem lhe fizesse
D'ella as vezes.

(D'ella, previno-te amigo
Que me refiro a Corá,
Como ao correr desta historia
Se verá.)

Ora bem, eis envolvido
Antonico um bello dia
No crime horrendo que chamam
Bigamia !

Misero o genio do homem !
A diversão não o cansa !
Tem por lei dos actos todos
A mudança !

Dous annos mais são passados,
E Antonico, quem diria !
De sua segunda esposa
Se enfastia !

Recorda-se dos encantos,
Da figura alta e faceira,
Dos requebros, dos olhares
Da primeira !

Maldiz o genio versatil
Que o fez mudar de mulher ;
Nem mais um beijo á segunda
Dá sequer !

Jura, jura como jura
Bom marido e bom christão ;
Sanar de antigos direitos
A lesão.

Uma tarde se prepara,
E a pé, qual romeiro monge,
Põe-se constricto a caminho
Para longe.

Chegando á misera aldéa,
Cumprindo o triste fadario,
Vae logo bater á porta
Do vigario.

Era tarde, mas o padre,
Cheio de santo fervor,
Ouvio as queixas do afflicto
Peccador.

Meu amigo, disse, é noite,
Vai dormir um poucachinho,
Volta amanhã, fallaremos
Bem cedinho.

Passa revista em teus erros,
Em todos, em todos, filho,
Deus te lançará de novo
No bom trilho !

Assim fallou, e Antonico,
Fazendo uma reverencia,
Foi conversar com a pobre
Consciencia.

No dia seguinte, humilde,
Nos largos peitos batendo,
Voltou á casa do gordo
Reverendo.

Estava deitado o padre
Sobre um mundo de lençoes,
Na cama em que repousaram
Seus avós ;

Cama grande, forte, larga,
Fabricada para dois,
Cujo peso arrastaria
Trinta bois !

- Bom dia, senhor vigario.
— Bom dia, á confissão vem ?
— Sim, senhor, póde attender-me?
— Muito bem :

— Não é mister levantar-me,
D'aqui o ouço, não acha?—
Benzem-se e as rezas começam
Em voz baixa.

Findas as rezas :—accuse-se,
Murmura o bom reverendo,
Antonico enxuga os olhos
E tremendo.

Principia :— Ah padre, padre,
Commetti um tal delicto
Que sou de Deus e dos homens
Maldito !

Dos homens... ah! se souberem
Da acção tão negra e tão feia,
Por certo que apodrecera
Na cadeia !

— Não tenhas mêdo, prosegue
Filho, em tua confissão,
Deus nunca nega aos culpados
O perdão.

Furtaste acaso?— Não padre.
— Violaste algum penhor!
— Não.— Calumniaste, falla!
— Fiz peior!—

— Peior! Juraste então falso?
Feriste alguém?— Não senhor.
— Mataste, filho, mataste?
— Fiz peior!—

— Peior! Peior! Então conta
O que has feito se quizeres
Que te absolva! — Ah! meu padre!
Casei com duas mulheres!

— Casou com duas mulheres!
Com duas!! O padre exclama!
E treme, agita-se, pula
Sobre a cama.

E uma feminil cabeça,
Ao som desta rude voz,
Surge d'entre as vastas ondas
De lençóes ;

E ardendo por ver o monstro
Bi-casado, a erguer-se vae,
Quando um grito de seus labios
Rubros, sae !

— Corá !.. Exclama Antonico !
— Compaixão !... Brada Corá.
O que é isto ? Indaga o padre,
— Que será ?

E Corá logo mergulha,
Antes que a lucta appareça,
No meio dos travesseiros
A cabeça.

— O que é isto ? O caso é grave,
Novo, intrincado, eu o creio !
Explica-te filho, falla
Sem receio.

— Quer que eu falle, que me explique,
Que esclareça o facto, quer?
Não, dê-me sem mais rodeios
A mulher!

A mulher que me pertence
Que ahi repousa a seu lado!
É isto que eu chamo um feio,
Vil peccado!

O padre franze os sobr'olhos,
Esfrega as orelhas bentas,
Passa a lingua pelos labios,
Coça as ventas.

E fallia :— Socega, filho,
Tudo, tudo arranjaremos,
Chega-te aqui para perto,
Conversemos :

— Que tal a tua segunda
Mulher? Faceira? Garbosa?
Clara ou morena? Morena?
Graciosa?

— Gorda? Gorda, sim meu padre.
— Olhos negros?— Lindos olhos!
— São ciladas á virtude!
São escolhos!

— São... quanto a braços, pescoço,
Cabellos...— oh! lindos, bellos!
Que lindo collo! Que braços!
Que cabellos!

— Bonitos, heim? Diz o padre
Contente esfregando as mãos,
— Pois obremos, filho, como
Bons christãos:

— Traze-m'a, pois, e contigo
Levarás esta, formosa,
Legitima, incontestavel
Boa esposa:

— A carne de tua carne,
Mas o osso de teu osso;
E assim se expressando, a porta
Mostra ao moço.

Como as cousas se passaram,
Leitor, não guardo memoria....
Conclui como quizerdes
Esta historia.



INDICE

Oração.	. . Pags.	3
O escravo.		7
A cidade		13
O cavallo.		19
Ao Rio de Janeiro.		25
A morte		29
Nevoas.		35
À Bahia .		39
A enchente		43
A flôr do maracujá. .	.	49
O espectro de Santa Helena		53
A somnambula		59
A roça.		63
A creança.	. .	67
Expição	. . .	71
A estrella dos magos	.	75
Plectro.		81
Nocturno .		85
Canção para musica — A madrugada		89
Canção para musica — O cégo		91
Outra canção para musica.		93
A uma mulher		95
Esperança — Lenda selvagem.	.	101
Mimosa — Poema da roça em tres cantos.		125
Antonico e Corá — Historia braslleira.	.	163

Rio de Janeiro, 1869. — Typ. Universal de LAEMMERT,
Rua dos Invalidos, 61 B,

BRASILIANA DIGITAL

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais. Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasiliiana@usp.br).